



Holocausto em Gaza

Uma guerra sem vencedores

Israel massacrrou, mais uma vez, os palestinos. Feriu mais de 5.300 e matou 1.314 (entre eles 416 crianças e 106 mulheres). Mas não conseguiu seu objetivo. **PÁGINA 4**

DESEMPREGO

Trabalhadores sentem efeitos da crise

Patrões culpam a crise econômica, mas se aproveitam dela e demitem milhares, pressionando o governo e os sindicatos. Contra a chantagem, os trabalhadores exigem garantia do emprego e juros mais baixo. Mas, por ora, o que prevalece é o sentimento de medo e a incerteza no futuro.

PÁGINAS 2 e 3

Lula e as centrais sindicais

O presidente Lula reuniu-se com os dirigentes das seis principais centrais sindicais (CTB, CUT, Força Sindical, Nova Central Sindical, UGT e CGTB), em 19 de janeiro. Eles pleitearam, entre outras medidas: redução dos juros, garantia de emprego nas empresas socorridas pelo governo por causa da crise financeira, manutenção da política de valorização do Salário Mínimo e aumento do número de parcelas do seguro desemprego. Lula prometeu o mínimo de 465 reais (com aumento real de 5,7%) e levar em conta as demandas dos trabalhadores.



Contra as demissões

Das palavras à ação: mais de 20 mil trabalhadores saíram às ruas, em São Bernardo do Campo, (SP) dizendo “não” à redução de salários e de direitos, e às demissões. A manifestação ocorreu em três lugares, convocada pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. A maior teve 15 mil pessoas; outra, na Scania, teve três mil; a terceira reuniu milhares de operários no pátio da Volkswagen. O objetivo das manifestações foi levar aos trabalhadores a agenda das centrais sindicais contra a crise e o desemprego.

654.946 vagas a menos

A crise financeira chegou com tudo em dezembro de 2008, quando o Ministério do Trabalho e Emprego anunciou que foram fechadas 645.946 vagas com carteira assinada no mercado de trabalho. É um baque muito forte mas mesmo assim, em 2008, foram criadas 1.452.204 novas vagas. A indústria de transformação foi o setor mais afetado, tendo perdido 273 mil vagas; em segundo lugar, o setor de serviços, que demitiu 117 mil trabalhadores. Entre os estados, o campeão foi São Paulo, onde houve 275 mil em dezembro.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Unidade contra a crise

A crise econômica vai sendo uma escola de unidade para as principais centrais sindicais brasileiras. Em janeiro, CTB, Força Sindical, UGT, Nova Central Sindical e CGTB anunciaram um Pacto de Ação Sindical para enfrentar as ameaças contra os trabalhadores e, a principal delas, o desemprego. A CUT não participou da reunião que definiu a ação conjunta, mas garantiu que apoia o movimento e vai assinar o documento que contém nove propostas e foi aprovado nesta dia 15, em reunião na sede nacional da CTB, em São Paulo.

A ação já teve uma primeira consequência importante: a Força Sindical, que

vinha conversando com a Fiesp sobre medidas para enfrentar a crise, atendeu à solicitação das centrais e suspendeu aquelas negociações por dez dias, reforçando a unidade da luta dos trabalhadores.

É natural que existam opiniões divergentes, mas as centrais precisam buscar a unidade para desenvolver a luta em defesa dos direitos dos trabalhadores. A assinatura, por 35 lideranças, representando cinco das seis principais centrais sindicais, aponta nesse rumo e deve ser saudada como uma conquista dos trabalhadores que podem, assim, enfrentar como um só bloco a crise que ameaça seus empregos e salários.

CHARGE

Charge do acharge.com.br



EM JANEIRO...

... o 9º Fórum Social Mundial, em Belém (PA), entre 26 de janeiro e 1º de fevereiro, reuniu dezenas de milhares de pessoas, em mais de 2.600 atividades, debatendo a defesa e o desenvolvimento sustentável da Amazônia, a degradação ambiental, e também a crise econômica, a denúncia da agressão israelense contra Gaza e a luta pela paz.

EXPEDIENTE

Proletários de todos os países, uni-vos! Classe Operária, jornal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **Secretário Nacional de Comunicação:** Altamiro Borges **Editor:** José Carlos Ruy **Jornalista Responsável:** Pedro de Oliveira **Diretor (in Memoriam):** João Amazonas. **Redatoras:** Priscila Lobregatte e Renata Mielli **Administração:** Francyrose Andrade **Diagramação:** Andocides Bezerra. **Contato:** Rua Rego Freitas, 192 - República - São Paulo - SP - CEP: 01220-907 **Tel.:** (11) 3054-1800 **E-mail:** classe@pcdob.org.br www.vermelho.org.br/classe



MANIFESTAÇÃO na avenida Paulista contra os juros altos: uma das ações do Pacto

Pacto de Ação Sindical

Documento reafirma a necessidade de unidade na luta contra a crise

Em reunião realizada na sede da (CTB) Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, em 15 de janeiro, 35 dirigentes de cinco das principais centrais sindicais do país (CTB, Força Sindical, Nova Central Sindical, UGT e CGTB) aprovaram um documento para o enfrentamento unitário da crise econômica. Abaixo, a íntegra do documento:

“ Reunidas em São Paulo-SP, após ampla discussão, as centrais sindicais decidiram reafirmar a importância da unidade dos trabalhadores e enfrentar o impacto da crise financeira mundial que está afetando drasticamente o emprego e o crescimento da economia brasileira, adotando o Pacto da Ação Sindical.

Consiste na defesa das seguintes propostas:

1. Exigência de contrapar-

tidas sociais, especialmente a garantia dos empregos, de todas as empresas/setores econômicos, beneficiados com recursos públicos (empréstimo, isenção fiscal, etc.).

2. Fim das horas extras.
3. Eliminação do banco de horas.
4. Redução imediata de, pelo menos, dois pontos percentuais da taxa básica de juros (Selic).
5. Redução substancial do “spread” bancário dos bancos públicos e privados.
6. Ampliação das parcelas do seguro desemprego.
7. Ampliação dos aportes financeiros do fundo de amparo ao trabalhador, destina-

As centrais querem garantia no emprego, juros baixos e mais parcelas no seguro desemprego

dos à qualificação da mão de obra.

8. Autorização para que o trabalhador possa utilizar até 20% (vinte por cento) da sua conta do FGTS no Fundo de Infraestrutura (FI-FGTS).

9. Manifestação em São Paulo pela redução da taxa de juros.

As centrais decidiram levar em audiências ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, ao Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado do Trabalho e Emprego e Governadores Estaduais, as propostas do Pacto da Ação Sindical, a fim de adotarem medidas governamentais, imediatas e firmes, pela manutenção dos empregos. ”

Os desafios de Barack Obama

O discurso do novo presidente dos EUA, Barack Obama, pronunciado em Washington perante milhões de pessoas que foram assistir a posse, em 20 de janeiro, não prometeu nada mas acenou com mais justiça, respeito à lei e à ordem internacional, melhoria dos programas sociais e da previdência social.

Falou em controlar o mercado e governar para todos, e não só para os ricos, e passou por questões que vão desde a crise econômica até a defesa do meio ambiente, a retirada do Iraque e a paz no Afeganistão. Referiu-se ao racismo e pregou a negociação, e não o confronto, com “antigos amigos e inimigos”.

Prometeu um mundo oposto ao de George W. Bush. O mundo deseja que o discurso seja de fato um efetivo programa de governo, que deixe para trás o desrespeito à lei, à soberania das nações, e que a agressividade guerreira do imperialismo estadunidense seja uma lembrança dolorosa do passado.

Contra o latifúndio na Amazônia (1)

O governo federal anunciou a criação de uma diretoria executiva, subordinada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, para regularizar a posse de terras na Amazônia.

Contra o latifúndio na Amazônia (2)

Com as mudanças, que entram em vigor em abril, 296,8 mil posses vão ser regularizadas, em 436 municípios. As áreas menores de 100 hectares (ha) serão doadas aos posseiros; de 100 a 400 ha serão vendidas a preços baixos; até 1.500 ha, vendidas por preço de mercado. Para áreas acima desse tamanho, até 2.500 ha, haverá licitação pública e as posses com mais de 2.500 (ou 25 quilômetros quadrados) serão retomadas pelo governo.

Coincidência

O anúncio da nova diretoria para regularizar a posse de terras na Amazônia coincide com os 25 anos do MST, comemorados no dia 20 de janeiro. É uma vitória da luta contra o latifúndio e a grilagem de terras.



MST, 25 anos

Desde janeiro de 1984, o MST marca o horizonte das lutas sociais no Brasil, contra o latifúndio e o neoliberalismo, transformando-se num dos pilares para a transformação e democratização da sociedade brasileira. Ao completar 25 anos, lembra Renato Rabelo, presidente nacional do PCdoB, o MST se destacou na unificação dos movimentos sociais no país e em toda a América Latina, pela soberania nacional, pela Reforma Agrária. Por tudo isso, é uma data de luta que precisa ser comemorada por todos os democratas e progressistas

Não tão ruim

Em contraste com o péssimo número divulgado em dezembro, 2008 fechou com a menor taxa de desemprego desde 2002: 6,8%. O lado ruim da notícia é que os efeitos da crise aparecerão nos dados de janeiro...



“Parte do empresariado tem que entender que nem todo dia é dia de lucro”

Carlos Lupi, ministro do Trabalho, sobre as demissões feitas apesar da ajuda do governo às empresas

Desemprego

Trabalhadores à deriva

Crise afeta a vida dos assalariados e deixa um rastro de medo no ar

Nos olhos de Ailton da Cruz, 37 anos, está o sentimento de milhares de trabalhadores brasileiros. O medo do desemprego e as incertezas sobre o futuro rondam operários que começaram 2009 sentindo com mais força os efeitos da crise mundial. “É horrível. A gente vê os colegas indo embora e não pode fazer nada”, lamenta. Cruz é metalúrgico e há 18 anos trabalha na Olympus, em São Paulo, empresa com cerca de 400 funcionários, fornecedora de autopeças para GM, Volkswagen e Fiat.

O jogo sũjo do cassino financeiro norte-americano resultou em problemas sérios em todos os setores da economia mundial, especialmente na área da produção. No Brasil, os principais efeitos foram sentidos a partir do final de 2008. E, como sempre, quem paga a fatura da festa da especulação são os trabalhadores, especialmente os dos países em desenvolvimento.

Em dezembro, o Ministério do Trabalho e do Emprego anunciou que, em todo país, foram demitidos 645.946 trabalhadores; entre eles, 28,3 mil metalúrgicos, dos quais 16 mil eram do setor de autopeças. Na empresa onde Ailton da Cruz trabalha não foi dife-



Lucas Lacaz Ruiz/Folha Imagem

NENHUMA DEMISSÃO ESTABILIDADE NO EMPREGO JÁ!

Os trabalhadores não podem pagar pela crise. Os ricos que paguem!

SINDICATO dos Metalúrgicos de São José dos Campos contra 744 demissões na GM

“Fiquei muito deprimido. Me escondi no vestiário da empresa e chorei. Me senti sem rumo”

Priscila Lobregatte



CRUZ: preocupação com o futuro

rente. “Cem colegas foram para rua desde outubro. Não deu para evitar. Mas fizemos

agora uma paralisação de dois dias e conseguimos a garantia de que os demitidos terão seis meses de cesta básica e de assistência médica, além de uma ajuda de custo de R\$ 600”, explica.

As expectativas de Cruz não são boas. Com dois filhos para criar e a esposa trabalhando na mesma empresa, ele tem cortado despesas onde pode porque já não sabe como será o amanhã. “Me sinto à deriva porque mesmo empregado, sei que não há nenhuma garantia de estabilidade”, diz.

Desilusão

Acácio Ferreira, 19, o Cau, morador da periferia de Itu, no interior paulista, é um dos jovens trabalhadores que viram seus sonhos interrompidos pelos efeitos da crise internacional. Ex-funcionário da Caldclaser, indústria que fornece peças para montadoras, Cau não teve tempo sequer para desfrutar dos benefícios de um trabalhador de carteira assinada. Admitido como temporário dia 3 de novembro, teve o contrato suspenso dia 14 do mesmo mês. “Disseram que iam precisar de mais gente, nos chamaram e, em duas semanas, mandaram quatro embora”, conta.

Ele é um dos 5.100 funcionários da área metalúrgica automotiva que perderam seus empregos, desde novembro, somente em São Paulo. Filho de pai ceramista e mãe doméstica, Cau contribuía com parte importante do sustento da casa. “O duro é que a gente faz planos. Queria continuar os cursos na área, pensava em progredir na empresa, estava animado e agora tenho que fazer cortes para poder dar conta do essencial”, diz. “Fiquei muito deprimido. Me escondi no vestiário da empresa e chorei. Me senti sem rumo. O pior foi contar para minha mãe”, lembra. ●

A luta para manter o emprego e os direitos

É contra esse afogamento em massa que governo, centrais sindicais e trabalhadores têm lutado. “Estamos mobilizando a categoria e a sociedade em defesa do emprego e dos salários. Existe a crise, mas há também empresas que fazem pressão sobre a categoria para reduzir o ordenado e os direitos dos trabalhadores. Não podemos compactuar com isso”, protesta Assis Melo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul e Região. So-

mente naquela cidade gaúcha houve, no final de 2008, cerca de 7.500 demissões no setor metalúrgico.

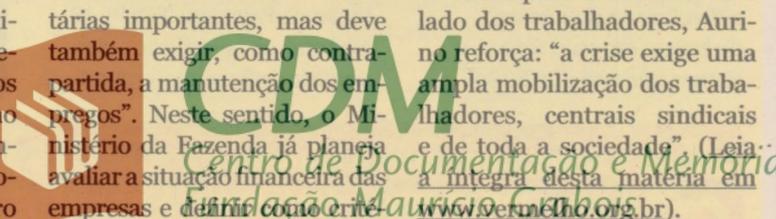
Na Bahia, a situação também se complica. Apenas no setor metalúrgico, houve 1.500 demissões entre novembro e dezembro, segundo Aurino Pedreira Filho, da direção da Federação dos Metalúrgicos da Bahia. “Estamos resistindo e conseguimos ao menos um acordo que garante os postos dos trabalhadores até março”, diz. Por outro

lado, criticou, “as empresas têm feito de tudo para flexibilizar os direitos e tentar diminuir os salários e isso não é justo já que, nos últimos anos, faturaram muito inclusive em produtividade”.

Para Aurino, “o governo vem tomando medidas tributárias importantes, mas deve também exigir, como contrapartida, a manutenção dos empregos”. Neste sentido, o Ministério da Fazenda já planeja avaliar a situação financeira das empresas e definir como cri-

rio para empréstimos a não demissão dos funcionários.

De acordo com o sindicalista, “agora é hora de investir tanto o capital privado quanto o público e aumentar o controle sobre o sistema financeiro e sobre as remessas de lucro para o exterior”. Do lado dos trabalhadores, Aurino reforça: “a crise exige uma ampla mobilização dos trabalhadores, centrais sindicais e de toda a sociedade”. (Leia a íntegra desta matéria em www.vermelho.org.br.)



Barbárie sem vencedores

O número de vítimas mostra o uso desproporcional da força por Israel: entre 2001 e 2008, foram 330 palestinos para cada israelense morto

O brutal ataque de Israel contra a Faixa de Gaza, iniciado em 27 de dezembro, é mais uma guerra sem vencedores no longo conflito que o governo de Tel Aviv promove contra a população palestina. Quando o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, visitou a região atacada, no dia 20 de janeiro, foi saudado por multidões que agitavam a bandeira verde do Hamas, que Israel pretendia destruir ou enfraquecer.

O pretexto de Israel foi aquilo que chamou de “direito de defesa” contra os foguetes que o Hamas lançava contra seu território. Entretanto, há notícias de que a “Operação Chumbo Derretido” estava planejada desde o começo de 2001. E ela foi uma resposta desproporcional contra o Hamas, que desautoriza o absurdo argumento de “direito de defesa”. Entre 2001 e 2008, o Hamas lançou 3.050 foguetes de alcance limitado, matando 15 israelenses; nesse período, Israel matou mais de 5.000 palestinos, número 330 vezes maior, além de impor o bloqueio contra a Faixa de Gaza, tornando precária e infernal a vida da população.

A loucura dos ataques de Israel feriu, segundo a ONU,



CRIANÇAS foram as maiores vítimas de Israel; bombardeios mataram 416 e feriram 1.855 crianças

mais de 5.300 pessoas e matou 1.314, quase todos civis (entre eles 416 crianças e 106

mulheres). Entre os feridos estão 1.855 crianças e 725 mulheres.

Além disso, 80 mil palestinos tiveram suas casas destruídas e precisaram se alojar em

“Eu vi apenas parte da destruição. É chocante e alarmante”, disse Ban Ki-moon, da ONU. “As cenas que vi são de cortar o coração”.

campos de refugiados. A infraestrutura da região foi destruída, falta energia elétrica e 400 mil pessoas (quase um terço do 1,5 milhão de moradores locais) ficaram sem acesso à água. Além disso, faltam eletricidade, comida e remédio, a população de Gaza sofre com o aparecimento de doenças infecciosas, em consequência da fraqueza provocada pela fome e pela falta de combustível para o aquecimento e para cozinhar, e também pelo lixo e entulho amontoados nas ruas. Um levantamento do governo palestino revela que 4 mil casas foram completamente destruídas e mais de 20 mil sofreram algum tipo de dano. O total das perdas materiais pode chegar a 2 bilhões de dólares. ●

Israel não conseguiu seu objetivo

O ataque de Israel deixou um cenário que chocou o secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, durante a visita à Faixa de Gaza. “Eu vi apenas parte da destruição. É chocante e alarmante”, disse. “As cenas que vi são de cortar o coração”.

Mas Israel não conseguiu seu objetivo, apesar do saldo sangrento do holocausto que, mais uma vez, impôs ao povo palestino. Embora o governo de Tel Aviv tenha impedido a divulgação do número de baixas em suas tropas, o Hamas garante que 80 sol-

dados israelenses morreram, e vários tanques de guerra foram destruídos, matando os soldados que estavam neles. Diz também que perdeu 48 milicianos, muito menos do que os 500 que Israel diz ter matado. Outros grupos também perderam combatentes: As Brigadas al-Aqsa, ligadas à al-Fatah, teriam perdido 37; a Jihad Islâmica, 34; os Comitês de Resistência Popular, 17, e a Frente Democrática pela Libertação da Palestina (FDLP), 13. No total, os palestinos teriam perdido 149 combatentes. Será

difícil conferir estes números. Mas eles relativizam as proclamações da vitória de Israel.



PROTESTO contra a agressão

Crimes de guerra

Israel cometeu vários crimes de guerra – atacou instalações civis, matou centenas e feriu milhares de civis, atacou hospitais, escolas e instalações da ONU e depósitos de alimentos enviados pelo mundo como ajuda humanitária à população de Gaza. Usou armas químicas proibidas pela legislação internacional, como bombas de napalm e de fósforo, que queimam as pessoas, além de bombas de fragmentação vetadas por acordos internacionais. O balanço é semelhante ao dos

resultados dos ataques dos nazistas de Adolf Hitler contra as populações civis dos países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial.

Os crimes de guerra foram tantos, e tão escandalosos, que perto de 300 organizações que lutam pela paz e pelos direitos humanos se juntaram para exigir que a Corte Penal Internacional, criada em 2002 para punir os crimes de guerra cometidos na Iugoslávia e que funciona em Haia (Holanda), leve o governo de Israel ao banco dos réus.

